

José Eduardo Agualusa

A SUBSTÂNCIA DO AMOR
E OUTRAS CRÔNICAS

3.^a edição



D. QUIXOTE

Ficções

Borges no Inferno	11
Uma Água Escura	15
<i>Merde d'Artiste.</i>	19
O Assalto	23
A Velha Esperança Morreu Sentada	27
Alguém Virá	31
<i>Do Not Walk Outside this Area</i>	33
Angola, Loisiaana	37
Traidor Simultâneo	41
O Mundo Vai Começar	45
Óculos para Mentir	49
Havia Muito Sol do Outro Lado	53
A Última Vez Que nos Vimos	55
A Substância do Amor	57
O Primeiro Dia do Resto da Minha Morte	59

Inquietações

Ponha Raça Melhorada por Favor	65
Se o Lobo Mau Fosse Angolano	69
Com o Tempo, o Tempo Encolhe	73
A Solidão dos Hipopótamos	77
Obrigados não, Obrigado!	81

O Mundo do Aveso	85
Bananeiras no Terraço	89
A Jaca Que Foi Comida Viva	93
As Rosas Preferem Beethoven	97
O Exercício da Loucura	101
O Plano do General Motors para Ganhar a Guerra	105
Vinte e Sete Marcianos	109
A Nossa Pátria na Malásia	113
O Dia em Que a Música Me Salvou	117
O Último Andar	121
O Segredo de Passo Fundo	125
A Língua Que Nos Constrói	129
Dançar Outra Vez	133
Campeão de Corridas	135

Paixões

Quem Tem Boca Vai a Roma	141
Beleza e Veneno	143
A Propósito de Sereias e Tritões	145
Beijar Um Sapo	147
Como Amar Uma Mulher	149
Depois de Tudo o Que se Passou entre Nós	151
Coração de Mamão	153
Coisas de Mulher	155
O Destino do Lobo	157
Diz-se no Feminino: a Solidão	159
Os Encantadores de Serpentes	161
Uma Conversa Muito Séria	163
Sobre a Honestidade dos Homens	165
Porque é Que as Mulheres não Foram à Lua	167
Uma Segunda Oportunidade	169
Isto nunca Aconteceu Comigo antes	171

FICÇÕES

BORGES NO INFERNO

Para a Alexandra Lucas Coelho

Jorge Luís Borges soube que tinha morrido quando, tendo fechado os olhos para melhor escutar o longínquo rumor da noite crescendo sobre Genebra, começou a ver. Distinguiu primeiro uma luz vermelha, muito intensa, e compreendeu que era o fulgor do sol filtrado pelas suas pálpebras. Abriu os olhos, inclinou o rosto, e viu uma fileira de densas sombras verdes. Estava estendido de costas numa plantação de bananeiras. Aquilo deixou-o de mau humor. Bananeiras?! Ele sempre imaginara o paraíso como uma enorme biblioteca: uma sucessão interminável de corredores, escadas e outros corredores, ainda mais escadas e novos corredores, e todos eles com livros empilhados até ao tecto.

Levantou-se. Endireitou-se com dificuldade, sentindo-se desconfortável dentro do próprio corpo subitamente rejuvenescido (quando morremos reencarnamos jovens e Borges já não se recordava de como isso era). Caminhou devagar entre as bananeiras. Parecia-lhe pouco provável encontrar ali alguém conhecido, ou seja, alguém de quem tivesse lido algo. Ou alguém sobre quem tivesse lido algo. Nesse caso seria alguém um pouco menos conhecido, ou um pouco menos alguém, ou ambas as coisas.

A plantação prolongava-se por toda a eternidade. Uma dúvida começou a atormentá-lo: talvez estivesse, afinal, não no

paraíso, mas no inferno. Para onde quer que olhasse só avistava as largas folhas verdes, os pesados cachos amarelos, e sobre essa idêntica paisagem um céu imensamente azul. Borges lamentava a ausência de livros. Se ali ao menos existissem tigres – tigres metafóricos, claro, com um alfabeto secreto gravado nas manchas do dorso –, se houvesse algures um labirinto, ou uma esquina cor-de-rosa (bastava-lhe a esquina), mas não: só avistava bananeiras, bananeiras, ainda bananeiras. Bananeiras a perder de vista.

Percorreu sem cansaço, mas com crescente fastio, a infinita plantação. Era como se andasse em círculos. Era como se não andasse. Fazia-lhe falta a cegueira. Cego, o que não via tinha mais cores do que aquilo – além do mistério, claro. Como é que um homem morre na Suíça e ressuscita para a vida eterna entre bananeiras?

Borges não gostava da América Latina. A Argentina, como se sabe, é um país europeu (ou quase) que por desgraça faz fronteira com o Brasil, Chile, Uruguai e Paraguai. Para Borges aquele quase foi sempre um espinho cravado no fundo da alma. Isso e a vizinhança. Os índios ainda ele tolerava. Tinham fornecido bons motivos para a literatura e além disso estavam mortos. O pior eram os negros e os mestiços, gente capaz de transformar o grande drama da vida – da vida, meu Deus! – numa festa ruidosa. Borges sentia-se europeu. Gostava de ler os clássicos gregos (gostaria de os ter lido em grego). Gostava do silêncio poderoso das velhas catedrais.

Foi então que a viu. À sua frente uma mulher flutuava, pálida e nua, sobre as bananeiras. A mulher dormia, com o rosto voltado para o sol e as mãos pousadas sobre os seios, e era belíssima, mas isso para Borges não tinha grande importância (a especialidade dele foram sempre os tigres). Horrorizado compreendeu o equívoco. Deus confundira-o com outro escritor latino-ameri-

cano. Aquele paraíso fora construído, só podia ter sido construído, a pensar em Gabriel García Marquez.

Jorge Luís Borges sentou-se sobre a terra húmida. Levantou o braço, colheu uma banana, descascou-a e comeu-a. Pensou em Gabriel García Marquez e voltou a experimentar o intolerável tormento da inveja. Um dia o escritor colombiano fechará os olhos, para melhor escutar o rumor longínquo da noite, e quando os reabrir estará deitado de costas sobre o lajedo frio de uma biblioteca. Caminhará pelos corredores, subirá escadas, atravessará outros corredores, ainda mais escadas e novos corredores, e em todos eles encontrará livros, milhares, milhões de livros. Um labirinto infinito, forrado de estantes até ao tecto, e nessas estantes todos os livros escritos e por escrever, todas as combinações possíveis de palavras em todas as línguas dos homens.

Jorge Luís Borges descascou outra banana e nesse momento um sorriso – ou algo como um sorriso – iluminou-lhe o rosto. Começava a adivinhar naquele equívoco cruel um inesperado sentido: sendo certo que o paraíso do outro era agora o inferno dele, então o paraíso dele haveria de ser, certamente, o inferno do outro.

Borges terminou de descascar a banana e comeu-a. Era boa. Era um bom inferno, aquele.

UMA ÁGUA ESCURA

Fui eu a começar o jogo. Escolhi o sujeito sentado junto à janela, um jovem pálido, estremunhado, óculos de aros grossos. Vestia de preto, mas não como se fosse para um enterro (é o que se diz de alguém vestido de preto): parecia antes que estava a fugir de um enterro.

– Chama-se Cândido Mosso Rabin – expliquei a Valéria –, estuda filosofia, e vai a Lisboa, de férias, porque quer conhecer a cidade onde viveu Fernando Pessoa.

Valéria aceitou o desafio:

– Certo. Ele próprio escreve poesia. Mas como conseguiu o dinheiro para a viagem?

Ajuda muito, a quem lança o jogo, se o personagem estiver a ler. Cândido Mosso Rabin, por exemplo, tinha nas mãos o *Livro do Desassossego*, organizado por Richard Zenith, na edição brasileira, muito cuidada, da Companhia das Letras. Não era difícil supor que quisesse conhecer a Rua dos Douradores, passear, com o seu Fernando Pessoa debaixo do braço, pela «Rua do Arsenal, a Rua da Alfândega, o prolongamento das ruas tristes que alastram para leste desde que a Alfândega cessa».

A pergunta de Valéria, porém, fez-me pensar um pouco. Como é que Cândido tinha arranjado o dinheiro para a viagem?

– Ele trabalha à noite num bar, a servir à mesa, provavelmente um lugar frequentado por artistas, poetas, jornalistas.

Cândido é um tipo tímido, reservado, embora gentil, que não participa nas conversas. Os frequentadores do bar acham-no um tanto misterioso.

Valéria entusiasmou-se:

– Não, não foi com o dinheiro ganho no bar que ele conseguiu a passagem para Lisboa. Eu conto como foi: uma noite Cândido conheceu um viajante. O homem era simpático, gostava de uma boa conversa, passava pelo bar todas as noites, bebia uma cerveja, bebia outra, e ia-se embora. Uma ocasião ficou até mais tarde. Já havia poucos clientes quando o Viajante ofereceu uma bebida a Cândido. Quis saber se ele também trabalhava ali durante o dia, onde morava, e finalmente perguntou-lhe se não gostaria de visitar Lisboa.

Pensei que Valéria pretendia enredar-me numa história de amor. Infelizmente, era algo ainda mais óbvio:

– O Viajante pertencia a uma rede de tráfico de cocaína para a Europa e queria utilizar Cândido como correio. Achava que a polícia nunca desconfiaria de alguém assim, um pobre sujeito com ar de seminarista, estudante de filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com a mala cheia de papéis, jornais, livros de poesia.

Senti-me defraudado:

– O Cândido, um passador? Por amor de Deus, Valéria! Olha bem para o tipo: está ali, muito sentadinho, assustado com os devaneios de um ajudante de guarda-livros. Aquilo, para ele, é um romance de cavalaria.

Valéria ficou ofendida com a observação, discutimos, saltamos do jovem Cândido para rancores mais remotos e assim estragamos o resto da viagem. Chovia quando o avião pousou em Lisboa. Abriram as portas, vieram as escadas e descemos debaixo de uma água escura. Enquanto recolhíamos as bagagens vi

Cândido, apertado no seu casaco funesto, passar por nós em direcção à saída.

A placa dizia: «Nada a Declarar.» Nada tínhamos a declarar. O funcionário da alfândega, porém, olhou para mim, olhou para a minha amiga, abanou a cabeça com um ar de enfado, e fez-nos passar para a salinha ao lado. Cândido Mosso Rabin também estava lá, ainda mais pálido, piscando os olhos espantados por detrás das lentes grossas. Parecia que o tinham acordado, aos safanões, naquele preciso instante. O polícia colocou a mala dele num pequeno estrado, apalpou-a, como um médico examinando um cadáver, e abriu-a. Vasculhou entre os livros, entre as pilhas de roupa, tirou uma pequena caixa de metal, desenroscou a tampa e eu vi (vimos todos) o pó, muito branco, brilhando angustiado na penumbra.

Valéria beliscou-me o ombro: «ganhei!» O polícia sorriu (a serpente a sorrir para o passarinho):

– E então, senhor David, você vai-me dizer o que é isto?

O jovem olhou-o com o cansaço dos vencidos:

– É o meu pai.

Mostrou um papel cheio de carimbos e assinaturas. Era realmente o pai dele, falecido em Petrópolis, incinerado em São Paulo, e que ao fim de cinquenta anos regressava a Lisboa.

MERDE D'ARTISTE

Os objectos de plástico tinham sido recolhidos – explicava o catálogo –, em diversas praias da Grã-Bretanha, e estavam dispostos cuidadosamente em círculo no chão da galeria. Barata olhou para a obra e riu-se alto. Ele ri-se sempre nas exposições de arte moderna.

(«Rio-me às gargalhadas para ninguém pensar que levo aquilo a sério. A arte contemporânea é uma farsa. Esses tipos, os tais artistas, nem sequer são verdadeiros malucos, estão simplesmente a fazer troça de nós». Punha-se a citar exemplos, a começar pelo italiano Piero Manzoni, precursor da chamada arte conceptual, que nos anos sessenta mostrou uma série de caixinhas, assinadas e datadas, com o título *Merde d'Artiste*. A partir dessa altura, a arte, para Barata, foi-se degradando cada vez mais. Apesar disso o meu amigo frequenta as galerias: «vou a todas as exposições para me indignar. A indignação é um purgante do espírito.»)

Barata, portanto, riu-se, e em seguida debruçou-se sobre a instalação para melhor se indignar. Foi com esse gesto que começou a sua desgraça: o telemóvel deslizou-lhe do bolso do casaco e caiu no meio da, digamos assim, obra de arte. Ficava bem ali, um aparelho bonito, azul metálico, pouco maior que um cartão de crédito. Barata estendeu a mão para o recuperar mas o guarda impediu-o:

– Atenção, o senhor, o senhor mesmo! É proibido mexer nas obras expostas.

Barata endireitou-se, endireitou o casaco, e tentou explicar o acontecido:

– Está a ver o telemóvel? É meu...

O guarda, um homem de físico poderoso, muito sério, muito apertado na sua farda de general de folguedo, olhou-o com severidade:

– Vossa Excelência, já se vê, não gosta de arte moderna. Está no seu direito. Mas não vou permitir que incomode os outros visitantes. Faça o favor de sair.

Sair? Conheço pessoas que se deixariam assassinar apenas por delicadeza; não é o caso de Barata, certamente, mas seria exagerado considerá-lo um arruaceiro. Geralmente evita envolver-se em discussões. Porém – que diabo! –, tratava-se do seu telemóvel. O meu amigo não podia deixar a coisa assim:

– Tem razão, não gosto de arte moderna, odeio arte moderna, e não devia ter entrado aqui. Mas o telemóvel é meu. Não faz parte disso, dessa porcaria, e eu vou levá-lo comigo.

O guarda inflamou-se. Estava preparado para aquilo. Há muitos anos que imaginava o que faria numa situação semelhante. Preso entre quatro paredes, lutando para não sucumbir ao torpor insuportável das longas tardes de Verão, deixava-se facilmente transportar pela fantasia. Recortava e colecionava todas as notícias sobre atentados contra obras de arte. Roubos também o interessavam, mas menos. A ele o que o fascinava eram os iconoclastas: o tipo que lançou um frasco de tinta sobre a Gioconda; o sujeito que acrescentou a marca da própria mão a uma tela de Tàpies. E agora ali estava o inimigo à sua frente – um bárbaro, um huno, quem sabe, um anarquista! Agarrou Barata por um braço e preparava-se para o expulsar da galeria, a pontapé, quando o telemóvel tocou. Naquela altura já havia pelo menos